



ATELIÊ INFRAORDINÁRIO

arte, natureza e cidade





*Todos os direitos reservados.
© 1. ed. 2024 – Autores da Publicação



Creative Commons License

Catálogo de publicação na fonte (CIP)

A864

Ateliê infraordinário: arte, natureza e cidade/Organizadoras (es):
Mariana Silva da Silva [et al.].... – Porto Alegre: Uergs, 2024.

62 f. il. E-book - PDF
ISBN 978-85-60231-68-3

1. Arte. 2. Bioma do Delta do Rio Jacuí. 3. Natureza urbana. 4.
Investigação artística. I. Silva, Mariana Silva da. II. Andrade, Bruno de. III.
Morais, Glaucis de. IV. Borges, Lai. V. Título.

Bibliotecário Marcelo Bresolin CRB 10/2136



SUMÁRIO

Apresentação

Daiana Schröpel

Melissa Flôres

Camila Hein

Fercho Marquéz-Elul

Glaucis de Moraes

Gabriela Bittencourt e Joana Custódio

Bruno de Andrade

Patriciane Born

Sandra Rhoden

Mariana Silva da Silva

Ateliê extraordinário

Entradas para um índice remissivo de interesses infraordinários: a janela, o jardim, as mãos

Fercho Marquéz-Elul

A CLÁUSULA

No primeiro encontro temático Ficções da natureza, atividade de extensão Ateliê infraordinário: arte, natureza e cidade, organizada pela Profa. Dra. Mariana Silva da Silva, no Centro de Desenvolvimento da Expressão – Uergs, na Casa de Cultura Mário Quintana, foram relatadas experiências de *site specific* a partir do espaço expositivo Maria Lídia Magliani, continuada em minha exposição individual *Índice remissivo: segunda edição* – Fercho Marquéz-Elul, curada por Taís Cardoso e Daniel Galera, ocorrida de 04 de outubro a 10 de dezembro de 2023. Nessa ocasião, repetia-se a reflexão processual a respeito das janelas que compõem o espaço expositivo e que se iniciava, no mesmo local, pela primeira vez durante a exposição coletiva *Pesquisa Coletiva*, organizada por Clara Marques e Rafael Kayser, aberta ao público de 18 de setembro a 30 de novembro de 2021.

Expunha durante o percurso pelos espaços físicos adjacentes ao Centro de desenvolvimento da expressão e a Sala Maria Lídia Magliani – como as áreas de passagem, o jardim, a travessa, os corrimãos, as cimbalhas em formato de palmeta, destacando fragmentos e informando o público a respeito de significados ocultos a partir de interesses desses discursos enunciados em rede e materializados nos elementos arquitetônicos. Entre o guia turístico e a mediação, esse percurso expositivo evocou antigas ações de exposição e apresentação que aquele espaço engendrava quando era antes um hotel. Ações como recepcionar o hóspede, conduzi-lo pelos espaços, apresentar um aposento a quem estiver interessado ao abrir a porta. Experiências ali que baseadas na permanência temporária, só podiam ser estimadas pela atenção fragmentada e, muitas das vezes, conduzidas com a voz, com o corpo e com os dedos que apontam ou indicam.

Lançar algumas entradas ou verbetes para consulta e ao mesmo tempo deixar consciente a desestruturação da diferença entre leitor e escritor em uma simples ação de consulta a um dicionário, glossário, silabário, manual, guia, inventário, atlas ou índice remissivo. A ação de leitura será mantida tão somente se em sua própria interrupção. Ao se estabelecer como tal e sair dela mesma rumo à cotidiana consulta do dicionário, essa leitura se constitui no que possui de interrupção de si em si. Uma instância que a interrompe, a suspende e a fragmenta tanto por um uso prático com objetivo da significação, como também pela ficção entre ignorância e sapiência. Na leitura que se transcorre, sair dela em direção a essa leitura ou interrompê-la para acessar a constituição dessa leitura primeira. Com isso, ofereço entradas de verbetes para um índice remissivo de interesses infraordinários.



A JANELA



FENÔMENO AVÚNCULO

A janela sempre se faz
ao despencar para fora do
parapeito
cai para anteparar a paisagem
— projeto de presença que se
furta na abertura
ausentando-se
abandonando o palco
o campo transborando o limite
— fechada
veste a vista de sombras.
É o sono da paisagem
Quando o portal dá com a
passagem na parede
aberta
a vigília avuncula
para deixar sair o cheiro do sono
as camadas oxidadas de surpresas
— o sebo lubrificando máscaras de
morte.
Verter um pouco de luz
dispersando qualquer agremiação
— o corte contrário do rés-de-
gramíneas
quando dormido os objetos
conspiram
o barulho incide sobre a energia
das coisas
e o quarto expulsa numa
contração
os últimos medos que enraízam
pesadelos
qualquer resquício demoníaco de
desejo
sob os dentes podres de uma
língua.

Fercho Marquéz-Elul – *Ora*, 2023.
Fotografia: Vicente Carcuchinski.

O JARDIM

RASTROS QUÍMICOS

[...]

No Marrocos seus habitantes colhem
na primeira hora da manhã
orvalho e neblina
hortelã e maná-de-deserto
— essas nuvens condensadas de avião
trilhas e rastros
indícios invictos de espanhóis.
Misturam-se a essas nuvens
farelos de açúcar
(tão em falta em Gibraltar)
e vendem gritando pelas ruas
aos guiris algodão doce
rico em ácido damálico
— Ótimo para o olhar cansado
bela troca.
— Por três mudas de pé-de-igualdade...
/INTERRUPÇÃO/
A freira jardineira disse do fundo do claustro
a respeito do trágico contrabando de plantas
/RETOMADA/
— você compra três algodões doces
ricos em ácido damálico.
[...]



JARDINS/ DE ESTUDOS/ DE ESCUTAS

Os jardins acompanham nossos feitos há séculos
por vezes parecem nos dar à luz como tais.
Sempre como um recorte
um todo biodiverso,
um fragmento consumado
uma moldura vivente sob controle.
Jardins são também capazes de abrirem-se à liberdade
tornando-se não apenas privação
um espaço cultivado à intimidade
um limiar para atravessamentos rebeldes
porosidade dando lugar para trânsitos
distintas qualidades, temperaturas.
Da arquitetura à biologia
geografia à estética
a história das plantas
migrações de pensamentos originários e nativos.
Cultivos de cuidado
desejos e paixões hortelãs
conexões entre espécies,
poder e censura povoam a lida aos jardins.
Brotam
transbordamentos do tempo
natureza que nos cultivam a germinarmos à terra
sempre e perene após uma poda
para brotarmos ao ar uma vez mais.
A razão humana às zonas radiciais do incapturável.
Histórias que nos embalam através das culturas
fertilizam nossos sonhos pela terra
a meio caminho de uma ferramenta cultural
por usos
com sabor em mão-dupla.
Correspondências.
A floresta que resiste, com a horta, a plantação
os terrenos baldios
esses espaços em vidas sem nomeação ou funcionalidade de fim
as não demarcações
o que está dentro e os que não estão
à frente de uma natureza-morta
por estarem detrás do muro
sendo atacados
explorados ou exauridos.

PLANTAS

— FICCIONAIS UM JARDIM

Um jardim
construído da nomeação de plantas de convivência.
Uma vez
e sempre um novo canteiro amplia esse oásis
linha após linha de semeadura
— exercício jardineiro em que diferentes sementes germinam enxertadas
um verde escuro.
Os caminhos acinzentados entre os canteiros
topografam a respiração do terreno subindo e descendo
voçorocam o branco desértico do papel
e de seus valões abertos pela serifa afiada
plantas precursam raízes letradas.
A ficção se aloja e descansa
feito uma serpente preguiçosa sobre um galho
entre plantas fora de estoque
à beira da extinção
e aquelas ainda não catalogadas.
Tais plantas
— e a ficção também
trameam entre o que já não existe mais
o que está prestes a desaparecer
e o que nunca será até o momento descoberto.
É a erva daninha que pousa
sua semente revolta
na farpa da cerca entre o jardim e o deserto.

SOB A SOMBRA DE JARDIM

uma flor furtiva se abrindo
na escuridão de um jardim
ou quintal seu odor
náuseas viajam entre as axilas da vegetação
as noites desabroçam
pálpebras do crepúsculo

RONDO

primeira chuva de primavera
— folhas do jardim brilham de suor
ensopadas.

AS MÃOS



Fercho Marquéz-Elul – Ora, 2023. Fotografia: Vicente Carcuchinski.

GESTO I (PRIMEIRO E ÚLTIMO)

quando dois molhos de chave

voltam a se tornar um só

o segredo de qual molho
abriu e fechou mais portas

é um mistério
infra-mince





Organização
Bruno de Andrade
Glaucis de Moraes
Lai Borges
Mariana Silva da Silva

Design
Lai Borges

Desenhos
Bruno de Andrade

Coordenação
Mariana Silva da Silva





APOIO INSTITUCIONAL



REALIZAÇÃO



GOVERNO DO ESTADO
RIO GRANDE DO SUL

SECRETARIA DA CULTURA

